

AS FAZENDAS JESUÍTICAS EM CAMPOS DOS GOITACAZES: PRÁTICAS MÉDICAS E CIRCULAÇÃO DE IDÉIAS NO IMPÉRIO PORTUGUÊS (SÉCULOS XVI AO XVIII)

HELOISA MEIRELES GESTEIRA
Museu de Astronomia e Ciências Afins
PUC-Rio
ALESSANDRA DOS SANTOS TEXEIRA
Mestranda em História. UFRJ

Resumo: Este artigo busca demonstrar como as práticas médicas adotadas pelos missionários da Companhia de Jesus não podem ser entendidas como fruto das necessidades circunstanciais e também não podem ser reduzidas à mera apropriação do conhecimento indígena sobre as virtudes das plantas medicinais, como também não pode ser considerada uma cópia do que era feito na Europa. Ao longo de nossa reflexão destacaremos a produção, sistematização e circulação de conhecimento sobre a Medicina no âmbito do império português, especialmente na América. Na primeira parte analisaremos escritos de missionários que atuaram como médicos com o intuito de elucidar o lugar das práticas médicas no conjunto da “missão” e identificar os procedimentos por eles adotados. Num segundo

* Agradeço à FAPERJ o apoio concedido para o desenvolvimento deste trabalho. Registro também meu agradecimento ao CNPq que por meio de uma bolsa PIBIC possibilitou a participação de Alessandra dos Santos Teixeira no projeto de pesquisa sobre as Práticas Médicas Jesuíticas, desenvolvido no Museu de Astronomia e Ciências Afins. Rio de Janeiro.

momento apresentaremos uma listagem de remédios e de livros existentes na botica e na livraria de duas fazendas jesuíticas pertencentes ao Colégio do Rio de Janeiro na região de Campos de Goitacazes.

Palavras-chave: história social da ciência; práticas médicas; jesuítas; América portuguesa

Abstract: This article intends to demonstrate how the medical practices adopted by the Jesuits should not be understood as a result of the circumstances and is not only an appropriation of the Indian knowledge about the medicinal herbs and plants from the New World, and that it is not a simple copy from the Europeans theories either. In this essay we will show the process of production, systematization and circulation of medical ideas and practices in the limits of the Portuguese Empire, specially in the Americas. The first part explores some Jesuit writings about medicine to understand the role of medicine for the mission and the main theories shared by the missionaries. In the second part of the article we will study a list of medicines and books from two Jesuit farms that belonged to the College of Rio de Janeiro during the seventeenth century.

Key-words: social history of science; medical practices; Jesuits; Portuguese America

Entre as contribuições dos jesuítas para a constituição da sociedade colonial, os serviços médicos merecem destaque. A prática médica adotada pelos inicianos não pode ser entendida apenas como resultante das necessidades circunstanciais e não era restrita à mera apropriação do conhecimento indígena sobre as virtudes das plantas medicinais. Neste artigo buscaremos destacar a produção, sistematização e circulação de conhecimento sobre a Medicina no âmbito do império português, especialmente na América portuguesa. Na primeira parte desta reflexão analisaremos alguns escritos elaborados e organizados por missionários que atuaram como médicos com o intuito elucidar o lugar das práticas médicas dentro da “missão”¹ bem como alguns procedimentos por eles adotados. Num segundo momento apresentaremos uma listagem de remédios e de livros existentes na botica e na livraria de duas fazendas jesuíticas pertencentes ao Colégio do Rio de Janeiro na região de Campos de Goitacazes. Finalmente, a partir do material consultado, destacaremos os referenciais médicos utilizados pelos missionários.

Espalhados pelos quatro cantos do globo, os jesuítas se envolveram com as atividades médicas nos diversos enclaves coloniais dominados pelos portugueses. Nos Colégios da Companhia, situados em Goa, São Paulo de Luanda, Rio de Janeiro, Salvador, São Luiz, além de hospitais, havia boticas onde se podiam encontrar remédios utilizados nos processos de cura entre os séculos XVI e XVIII. O mesmo ocorria nas fazendas e aldeias, onde alguns missionários também se dedicavam a prestar auxílio médico aos enfermos. Além da utilização dos recursos locais, dispunham dos remédios de boticas que eram utilizados na cura.

Embora muitas vezes a prática médica entre os missionários se justificasse pela caridade - e reconhecemos sua importância - outros elementos podem nos ajudar a entender o esforço e investimento na coleta, sistematização e circulação de informações de cunho medicinal entre os missionários. Cartas, registros escritos, livros e até mesmo a possibilidade de os missionários peregrinarem pelo império salvando vidas e conquistando novas almas, confirmam o esforço e o investimento no tratamento das informações medicinais. Um exemplo do que estamos afirmando pode ser lido na dedicatória e advertência ao leitor presentes na obra oferecida ao Rei D. João V de Portugal, *Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasiveis e saudaveis folhas em que se deixão ver muitos e singulares remedios assim simples como compostos, que a Arte, a experiencia, industria e a curiosidade descobrio para curar com facilidade quase todas as doenças e queixas a que o corpo humano esta sujeito principalmente em terras distituidas de Medicos e Boticas*, escrita pelo padre Affonso da Costa, missionário que viveu em Goa a serviço da Companhia de Jesus durante a primeira metade do século XVIII.² Além dos serviços e compromissos estritamente ligados ao seu ofício de religioso, o padre exerceu também a prática da medicina, como fruto desta experiência, ele “planta” esta árvore, que segundo, ele, é ainda mais útil em terras “distituídas de médicos e boticas”.

Tanto na dedicatória da obra quanto na advertência ao leitor, o missionário apresentou um conjunto de argumentos a favor de seu envolvimento com o exercício médico e com a escrita de um livro reunindo os remédios e tratamentos mais eficazes para diversas doenças, afirmando que tudo ali registrado foi por ele experimentado durante os quase trinta anos de missão na Ásia. Em primeiro lugar, observemos o

título escolhido pelo autor fazendo uma alusão explícita ao jardim do Éden: *Árvore da Vida*. Além das duas outras árvores oferecidas pelo criador, a do Céu e aquela existente no Paraíso Terreal e:

“visto, pois que a árvore da vida do Paraíso terreal se nos foi proibida, porque se fechou, e a do Celestial Paraíso se nos não comunica, porque desapareceu, para que os homens possam com facilidade achar remédios com que se livrem da suas enfermidades e antídotos eficazes, com que conservem e dilatam suas vidas, cá nestes desertos da Ásia oriental, soube a minha curiosidade e aplicação plantar huma terceira, Árvore da Vida, da qual sem muitos dispendios possam usar todos sem exceção de pessoas.(...) E par que em huma só árvore se achassem remédios para todas as doenças, o meu particular empenho foi buscar sementes medicinais de todas as quatro partes do mundo, e cujas virtudes unidas em só corpo a custa do trabalho, desvelo e (sic) de suores de mais de trinta anos saísse esta árvore.”³

O compromisso primeiro da obra era garantir uma vida saudável para os homens, ainda mais em terras onde era necessário acudir a todos, especialmente:

“os soldados portugueses, cujas vidas e saúde são muito necessárias para a defesa das terras deste Estado, e para que, defendendo-as, fiquem sempre abertas as portas e a entrada para as missões e propagação da nossa Santa Fé”.⁴

Dilatar a fé era um desdobramento da própria expansão do império, e uma vez D. João V apoiando e promovendo a difusão desta “Árvore” composta por elementos dignos de admiração para todas as nações do mundo, seria de grande utilidade, sobretudo, para “todos os vassallos de V. Magestade em todo o reino e suas conquistas”.⁵

Outro aspecto também nos parece interessante, qual seja a perspectiva apontada pelo missionário, de que uma vez escrito no idioma português, o livro, se editado, renderia lucros, porque poderia ser vendido na Europa, na Ásia e na América, onde se praticasse o português. Além do mais, as pessoas curiosas teriam interesse em adquiri-lo, ainda mais nas “terras distituidas de médicos e boticas”.⁶

Não é demais sublinhar o intuito de propagação do catolicismo. Como religioso, em princípio, não era esperado do Padre Affonso da Costa, segundo ele mesmo, praticar ou escrever sobre medicina, o que seria digno de “censura”, uma vez que aos religiosos caberia refletir e intervir em assuntos de pregação, de conversão e de teologia. Entretanto, o missionário defendeu seu direito de envolvimento nos assuntos e práticas médicas: se os padres podem tratar de outros assuntos das ciências, por que não da medicina? Segue esclarecendo, porém, que ele mesmo não se aventuraria a falar das causas das doenças e de práticas cirúrgicas (isto sim, era matéria médica), mas se limitaria, a partir da compilação de vários autores, a fornecer elementos para aqueles que se vissem, como ele, obrigados a praticar a cura e a tratar dos corpos. Além disto, recorre à Bíblia afirmando que “Christo recomendou aos apóstolos e discípulos, pois quando os mandou pelo mundo a converter almas para Deus, juntamente lhe ordenou que também curasse os corpos: *curate infirmos*.”⁷

Desta constatação Affonso da Costa sustenta o seu argumento mais forte que justificaria a sua intervenção em assuntos a princípio estranhos ao seu ofício de missionário. Segundo ele, pela prática de anos, a conversão tem se mostrado mais eficaz entre os missionários que eram aptos a exercerem o ofício de médico: “a experiência tem mostrado que mais almas pode converter para Deus hum missionário que juntamente seja médico” e aplicar remédios no corpo e ensinar os cuidados com a alma não deveriam ser considerados ofícios opostos, mas complementares e que na verdade, o ofício de médico muito ajudaria o trabalho do missinário.⁸

A obra “Árvore da Vida” é composta basicamente de receitas de mezinhas feitas por mais de uma substância com a indicação das doenças para as quais elas são eficazes. Purgas, óleos, vomitórios e unguentos elaborados com plantas, partes de animais e produtos minerais podiam ser encontrados no livro. Além disto, vale ressaltar que excrementos humanos e receitas a partir de “pó de crâneo” também estavam presentes nesta farmacopéia. Tal qual outros tratados médicos escritos em língua portuguesa, o livro traz em seus receituários ingredientes originários da Europa, da Ásia, da África e da América, especialmente do Brasil. Desde o século XVI os portugueses, por meio de crônicas, cartas e roteiros de

viagens, entre outros escritos, vinham acumulando informações sobre os novos produtos encontrados nas diversas partes do globo. Entre os agentes sociais responsáveis pela circulação de informações, os jesuítas tiveram papel fundamental, sobretudo, no âmbito do Império português.

Interessante notar que bem distante dali, em terras americanas, o padre Pedro de Montenegro⁹, missionário que atuou na América, precisamente na Província Jesuítica do Paraguai, também registrou sua experiência como médico em texto cujo título é “Libro primero de la propiedad y birtudes de los arboles, plantas de las misiones y provincias de Tucuman, com algunas del Brasil e del Oriente”. No prólogo ao leitor, o padre também ressaltou que embora estivesse escrevendo sobre matéria médica, de forma alguma tinha a intenção de se igualar a autores consagrados e peritos na arte médica, mas:

“que por hallarme en estas tierras de la America sin Botica, ni Boticarios, me ha forzado á que con ellas hacerme autor de Botica, confecionanando [*sic*] unas con otras, cual se puede ver en sus tratados: por lo cual te pido, que si en algo reconocieres yerro, me disculpes en parte, porque no siendo de mi estado el escribir libros con nuevo modo de composiciones, y descubrimientos de estraños y peregrinos simples en estas partes, puedes estar cierto, me muebe mas la caridad de hacer bien á mis hermanos, que la ambicion de Autor de un libro”.¹⁰

Tal qual seu confrade de Goa, Pedro de Montenegro registra que entre os esforços que o levaram a organizar o livro, foi justamente o de suprir uma necessidade existente “en estas partes ultimas de la America onde no ay tales medicos”. Prestar assistências às missões seria, portanto, o sentido de seu trabalho e resultado de doze anos de experiência de exercitar a medicina na América. Ao longo de seu livro, encontramos basicamente as descrições das plantas com destaque para seus atributos medicinais. O interessante é registrar que dos trabalhos de Montenegro, existem cópias manuscritas hoje depositadas nas bibliotecas da Argentina, Uruguai e uma na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Tal vestígio nos permite inferir que trabalhos como estes possivelmente circulavam nas missões e eram trocados entre os padres no interior do continente americano.

O padre Pedro de Montenegro, além de missionário, exerceu ofício de enfermeiro nas missões americanas entre finais do século XVII e início do XVIII. Ao longo de sua obra deixou registradas suas passagens por aldeamentos localizados em regiões que hoje se situam no Brasil, na Argentina e no Paraguai. O nosso interesse em sua obra se deu a partir de um manuscrito guardado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro catalogado como *Curiosidad un libro de medicina escrito por los jesuítas en las misiones del Paraguay, 1580*. A leitura do manuscrito, que não tem indicação de autoria, e o cotejamento deste com o livro do missionário, nos permitiram concluir que o documento acima mencionado, guardado no Rio de Janeiro, é uma cópia do livro de Montenegro. As duas fontes trazem partes idênticas, embora o primeiro não apresente gravuras das plantas e omita as descrições detalhadas das mesmas. Além de podermos concluir que trabalhos como este possivelmente eram trocados entre os missionários, percebemos que enquanto o *Libro primero de la propiedad y virtudes de los arboles i plantas das missões y províncias de Tucuman com algunas Del Brasil e Del Oriente* (1711) já era uma obra “candidata” a publicação, o documento da biblioteca anuncia que era para servir diretamente ao interesse daqueles que trabalhavam como médicos nas missões. Mais ainda esta idéia se confirma, quando lemos no prólogo ao leitor que a intenção era organizar o conhecimento em “estas tierras tan pobres de medicos y boticas”.

Enquanto o missionário de Goa em seu texto compilou uma quantidade surpreendente de receitas compostas, Pedro de Montenegro considerou importante em sua obra valorizar apenas os medicamentos “simples”, remédios feitos de uma só substância e de preferência com produtos americanos. Uma das características do que se pode considerar “medicina americana”, ou, para utilizar termo consagrado pelo médico neerlandês Guilherme Piso, “medicina brasiliensi”, é o fato dos médicos considerarem fundamental a utilização de produtos locais nas terapêuticas aplicadas aos doentes. Além disto, a justificativa para tal procedimento aponta para a influência dos ensinamentos de Hipócrates e Galeno nas práticas médicas deste missionário, uma vez que reconhecem que as doenças bem como os tratamentos para cura eram influenciados pelas características geográficas locais. Ou seja, não é apenas a distância da Europa ou a escassez de remédios importados que levam os colonos americanos a utilizarem os produtos americanos em suas farmacopéias.¹¹

Além das trocas de informações, havia práticas comuns entre os jesuítas, seja nas missões do Oriente, seja nas reduções indígenas da América espanhola e, como veremos logo a seguir, da América portuguesa. Em análise sobre as missões do Itatim, Regina Gadelha afirma que para angariar a confiança dos indígenas, os padres, nas aldeias, tratavam dos enfermos além de investirem em cuidados com as crianças. O papel de médico desempenhado pelos padres era assinalado também nos textos onde os missionários registravam as suas ações, como, por exemplo, no “informe sobre a fundação das reduções do Guairá feita a pedido do superior Pe. Joseph Cataldino”, datado de Santa Fé, em 2/11/1614.

“onde se faz grandísimo fruto, com su doctrina de vida, y costumbres, y bien exemplo que tienen, y enseñam a los naturales de aquellas provincias y en ellas traizen gran serv^o a dios nro señor y a su magd y a las almas (...) y curandoles sus enfermedades com mucho amor y caridad.”¹²

Desde a segunda metade do século XVI, na América portuguesa, os missionários jesuítas começaram a se envolver com o exercício da medicina. José de Anchieta, que veio com o segundo grupo de inicianos, já notara que quando praticados em conjunto, o cuidado da alma e do corpo, o resultado era mais eficaz. Novamente, o que poderia ser visto apenas como caridade, assume um aspecto político importante, sobretudo quando reconhecemos a autoridade que os homens que controlam a cura de doenças exercem sobre os demais. Reiterando esse papel do missionário, há uma passagem que nos parece bastante eloquente escrita pelas mãos de quem lidou diretamente com o gentio nas missões, o padre José de Anchieta:

Uma criança de quatro ou cinco anos de idade, assaltada de grave enfermidade, rogava muitas vezes em pranto à mãe que a trouxesse ao Templo, e a mesma criança, gemendo diante do altar, dizia na sua própria língua: “Ó Padre, cura-me!” Interrogada por seu pai, se porventura queria que lhe chamassem um feiticeiro (?) para lhe aplicar o remédio, chorando com grandes lamentos lançou-se por terra, dizendo que não com ele, mas com o auxílio de Deus lhe seria restituído o antigo vigor: o que o mesmo Senhor operou, pois, aplicado pelos nossos irmãos um certo remédio, recobrou a tão esperada saúde.¹³

O trecho de Anchieta deixa transparecer aspectos importantes. O primeiro é que a busca pelo socorro médico confunde-se com a busca pelo socorro espiritual. O par “espiritual” e “temporal” forma um dos tópicos centrais dos textos do missionário, que além dos sacramentos ministrou serviços médicos entre o gentio, como tantos outros padres que deram continuidade à missão jesuítica até o século XVIII. Entre as tarefas do Padre José de Anchieta, a cura das doenças que afligiam os nativos aparece logo em seguida à conversão. O auxílio médico transformou-se numa das estratégias para os missionários conquistarem a alma indígena, contribuindo assim para transformação destes homens em verdadeiros cristãos.

Cuidar dos índios enfermos curando-os das moléstias transformou-se, conforme análise de José Eisenberg num “dos instrumentos de conversão”. As dificuldades encontradas na tarefa de converter os índios fizeram com que os jesuítas buscassem novos métodos para auxiliar no trabalho da catequese. A cura de doenças como auxiliar na tarefa missionária surgiu na experiência cotidiana experimentada pelos padres no território americano. Segundo José Eisenberg, quando os jesuítas perceberam que:

os índios conferiam autoridade religiosa ao curandeiro da tribo, (...) tentaram assumir esse papel, e, para competirem com a autoridade religiosa dos pajés, começaram a se dedicar ao atendimento médico dos índios e adaptar os rituais dos sacramentos cristãos aos usos locais.¹⁴

Na América portuguesa, a preocupação em assumir a responsabilidade pela saúde do gentio seria uma novidade introduzida pelos primeiros inacianos que vieram, intensificando-se a partir da chegada de José de Anchieta, que se destacou pelos serviços médicos realizados em suas atividades. A arte de curar, na tradição Tupi, estava associada à capacidade daquele indivíduo se comunicar com os espíritos. Os missionários concluíram que para sua palavra atingir de fato o coração dos índios e, chegar ao fundo de sua alma, eles teriam que evidenciar o privilégio da comunicação com os espíritos, “e isso colocava os irmãos em direta competição com os pajés.”¹⁵ Os missionários lutaram para retirar dos Pajés o seu poder de cura, labutando para conquistar o corpo e a alma dos indígenas, mantendo-os vivos, de modo a garantir a expansão

da fé e do império. Tal atitude colaborou para que os pajés fossem sempre associados à imagem do feiticeiro que agia em nome do demônio, mesmo que estes realizassem práticas muito próximas àquelas implementadas em nome de Deus, como a administração de símplices e realização de sangrias, além dos recursos sobrenaturais, amuletos e rezas.

Podemos verificar que a mesma perspectiva – de aliar o exercício do médico ao do religioso - aparecia nos escritos de um missionário em Goa, no início do século XVIII, num contexto diverso daquele da América portuguesa. Esta aproximação nos parece importante para reconhecer o interesse e o envolvimento dos missionários jesuítas na produção, sistematização e circulação de informações no âmbito do Império português, conforme anunciamos no início deste trabalho.

A contribuição dos missionários envolvidos com o cuidado dos enfermos para a manutenção do império foi registrada pelo padre Fernão Guerreiro, que publicou em Évora no início do século XVII a *Relação Anual das Coisas que Fizeram os padres da Companhia de Jesus nas suas missões do Japão, China, Cataio... e Brasil nos anos de 1600 – 1603*. Em sua obra ele divulgava, em Portugal, as conquistas e realizações da Companhia de Jesus no ultramar português. Assim observou a ação dos missionários no Brasil:

Porque não somente os curam nas almas como pastores (...), mas os padres os governam ainda no temporal e lhes dão ordem de como hão de negociar suas roças e lavouras e remédios de vida quando estão doentes, os padres são os seus médicos e enfermeiros, (...)¹⁶

Ainda confirmando a importância do envolvimento de missionários com o ofício de médico no âmbito do império português, observemos o conteúdo de um traslado de alvará régio, de 1641, guardado no Livro de Tombos do Colégio de São Sebastião do Rio de Janeiro:

Eu El-Rey faço saber aos que este alvará virem que tendo consideração ao que me representou por parte de Paullo da Costa, religioso da Companhia de Jesus, procurador da Província do Brasil, e ao que constou em razão dos serviços que os religiosos da dita Companhia daquele Estado me tem feito (...) em tudo o que nele se tem oferecido (...), como nas ocasiões de guerra a que sempre assistiram com

as pessoas, escravos e fazendas, acudindo com os índios de suas doutrinas assim aos trabalhos das fortificações (...) principalmente todo o tempo que o inimigo teve ocupada a Bahia assistindo a tudo sem faltar nunca ao arraial, administrando os sacramentos, pregando, animando e ao serviço de Deus e meu, tomando a sua conta as enfermarias e acudindo aos doentes com os remédios espirituais e corporais. (...) ¹⁷

Ao mesmo tempo em que vemos produtos do Oriente sendo utilizados na farmacopéia jesuítica na América ou da África, o oposto também ocorre, a presença de ingredientes americanos nas mezinhas sugeridas por Affonso da Costa, como o “manjerição do Brasil” e o tabaco, entre outros “simples” americanos. Era uma prática comum entre os membros da Companhia de Jesus a constante troca de experiências por meio de uma rede epistolar que cruzava o império nos vários sentidos; as cartas são ricas em informações sobre as virtudes das plantas.

Acreditamos que as práticas médicas foram importantes para a cosmopolitização do uso de produtos feitos de plantas, como observamos no uso de bálsamo de Copaíba. Frequentemente utilizado na América e nativo do Novo Mundo, o óleo de copaíba se espalhou pelos outros continentes, conforme assinalado por Pedro de Montenegro, “El balsamo de Copayba es oy mui conocido y usado por toda la Europa, Africa y America, u con gran estima e subido precio en el Japon, y China.” ¹⁸

Retirado da copaíba desde o século XVI, este óleo já aparecia como um dos produtos importantes, como foi assinalado pelo padre Fernão Cardim em sua descrição minuciosa da árvore de onde se extraía o óleo:

He uma figueira comumente muito alta, direita e grossa; tem dentro dela muito óleo; para se tirar o cortam pelo meio, onde tem o vento, (...), é muito claro, de cor de azeite, pra feridas e muito estimado, e tira todo sinal. Também serve para as candêas e arde bem; os animais, sentindo sua virtude, se vêm esfregar nelas, há grande abundancia, a madeira não vale nada. ¹⁹

Ao mesmo tempo em que podemos perceber a utilização de produtos americanos em algumas fórmulas apresentadas pelo missionário de Goa, encontramos registrado por Pedro de Montenegro o uso de

espécies “exóticas” nas missões jesuíticas da América. Entre as plantas descritas por Montenegro, por exemplo, encontram-se a canela, o cravo da Índia e outros. Os jesuítas foram responsáveis pela circulação de plantas e de práticas medicinais não apenas na América portuguesa, mas no interior do Império português, estimulando, entre outros aspectos, o comércio intracolonial, fato observado pelo padre Affonso da Costa quando defendia a publicação de seu livro. Além disso, os missionários trocavam experiências com seus confrades ligados a outras assistências da Companhia, como, por exemplo, entre os missionários das províncias jesuíticas da América espanhola. A troca dava-se em vários sentidos simultaneamente.²⁰

Os padres farmacêuticos utilizaram, na medida do possível, os produtos locais em suas receitas. Para descobrir as qualidades de determinadas ervas, um dos procedimentos era observar o uso que os habitantes locais faziam delas. Na América portuguesa, ao coletar as informações sobre as ervas, frutos e plantas utilizadas nas mezinhas, os jesuítas também catalogaram os costumes indígenas e suas práticas terapêuticas. Entretanto, acreditamos que ao sistematizar as informações recolhidas, recorriam aos escritos de médicos consagrados na Arte médica em voga na Europa. Por exemplo, as qualidades das plantas eram explicadas a partir de seu temperamento: *quente, fria, seca e húmida*. Em seu livro, Pedro de Montenegro ao orientar aquele que irá manipular as plantas para preparar os símplices nas missões, previne que era imprescindível saber plantar e colher no momento certo; a época correta era indicada de acordo com o temperamento da planta – quente ou fria – caso contrário, o seu consumo poderia ser danoso ou sem efeito. O local escolhido para o cultivo das plantas era também relevante, principalmente para protegê-las dos ventos frios e secos e do calor, elementos que poderiam prejudicar suas virtudes.

Os Jesuítas se estabeleceram rapidamente nos territórios conquistados pelos portugueses na África, na Ásia e na América. Como dito acima, a estrutura da Companhia garantia a circulação de homens, produtos e, sobretudo, idéias no império luso.²¹ Nas principais cidades do império construíram Colégios, locais essenciais para a difusão da obra jesuítica. Em cada ponto importante da América portuguesa os jesuítas ergueram igrejas, capelas, colégios, casas, seminários,

aldeias, fazendas, currais e engenhos, enfim, uma série de locais, que, articulados entre si, ofereciam uma base de sustentação e de propagação da missão evangelizadora: salvar o gentio convertendo-o ao catolicismo, assegurando, assim, a expansão da fé, prevista na “missão”. No entanto, os soldados de Cristo não se descuidaram da tarefa de expandir o império, pois a aliança com a coroa portuguesa garantia, entre outras coisas, a presença da Companhia pelos quatro continentes.

O caso das fazendas jesuíticas Santo Inácio dos Campos Novos e Campos dos Goitcazes.

A “missão” de espalhar a fé católica pelo mundo nunca foi esquecida pelos missionários. Segundo Dauril Alden, o sentido militar atribuído à Ordem por Inácio de Loyola, desde sua fundação, justificava-se tanto pelo contexto das guerras religiosas que assolavam a Europa como também pela conquista Ibérica do Novo Mundo. E foi, ainda segundo Alden, este afã apostólico e missionário da Companhia de Jesus que chamou a atenção da monarquia portuguesa que, por sua vez, se via como guardião da Cristandade. Aliados, a Coroa e os Jesuítas, abraçaram o desafio da expansão do cristianismo pelo ecúmeno. Em 1549 desembarcaram, em Salvador, os jesuítas que formaram o primeiro grupo de missionários que iniciaram os trabalhos que só cessariam duzentos anos mais tarde, após a expulsão da Companhia de Portugal e seus domínios ultramarinos. Para sustento da “missão”, os jesuítas ergueram e controlaram um patrimônio composto por colégios, residências, aldeias e fazendas que eram administradas como uma grande empresa articulada entre si. Na América foram também proprietários de latifúndios e de escravos. Desde meados do século XVI até o momento em que foi banida, a Companhia de Jesus acumulou bens. De início as doações reais e de particulares foram responsáveis pela formação do patrimônio da Ordem, mas aos poucos, a aquisição por meio da compra também garantiu o controle sobre fazendas, residências urbanas, escravos, dízimos, quintas, animais, plantações e escravos. A doação de terras feita pela coroa portuguesa para a construção dos Colégios foi o que mais contribuiu para o alargamento das receitas jesuíticas. O início da construção do Colégio do Rio de Janeiro, ainda no século XVI, foi patrocinado por D.

João III quando emitiu ordem para a concessão de sesmarias. Em virtude da participação dos missionários nas guerras que resultaram na expulsão dos franceses da Baía de Guanabara, o governador do Rio de Janeiro, Mem de Sá, concedeu-lhes terras na área que acabou denominada como Morro do Castelo devido ao Colégio ali erguido.

Como sabemos, os Seiscentos foram marcados por constantes ameaças na costa da América portuguesa em virtude das guerras na Europa. Os holandeses atacaram a Bahia onde permaneceram por um ano (1624/25) e, posteriormente, ocuparam Pernambuco e capitânicas vizinhas por 25 anos. Além disto, ingleses e franceses não cessavam de visitar a costa na expectativa de controlar entrepostos no Novo Mundo. Em troca do compromisso de defender as terras dos perigos externos e internos (os ataques dos índios) os missionários receberam o direito de administrar terras no litoral norte do Rio de Janeiro, entre os rios Macaé e Paraíba, comprometendo-se, sobretudo, com a catequese dos Goitacazes que habitavam a área. Nestas terras, submetidas à administração do Colégio do Rio de Janeiro, os missionários investiram na construção de fazendas que davam suporte à “missão”. A maior fazenda da região chegou a ter engenho, plantação de cana de açúcar e criação de gado, chegando a abrigar 16.580 cabeças de gado e 4.800 cavalos (Fazenda do Colégio). Outra, de menor porte, foi destinada à criação de gado (Fazenda de Santo Inácio dos Campos Novos).²² Desta forma, as fazendas relacionam-se diretamente com o papel que os missionários jesuítas tiveram na conquista territorial da América. Estas fazendas transformaram-se em grandes fontes de recursos para o Colégio do Rio de Janeiro durante os anos em que os jesuítas atuaram no império português.²³

No momento da expulsão, por meio de lei expedida aos 3 dias de setembro de 1759, estas fazendas passaram para administração da coroa antes de serem vendidas. Como resultado da arrematação dos bens jesuíticos pela coroa nos chegaram documentos - que estão guardados no Arquivo do Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro – onde há descrição detalhada dos pertences das fazendas situadas na região dos Goitacazes, são eles os *documentos manuscritos relativos à fazenda Campos Novos e Campos dos Guaytazes; ano de 1775, Inventário dos bens da fazenda denominada Santo Ignácio nos Campos Novos*. A leitura deste material nos permitiu reconstituir a botica das fazendas, composta por remédios,

uma “biblioteca” e um “caderno manuscrito de medicina”. A leitura dos autos de sequestro dos bens dos jesuítas revelou-se importante para a pesquisa, na medida em que há uma escassez de documentos sobre as boticas administradas pelos Colégios e fazendas pertencentes à Companhia de Jesus.

No inventário dos bens da Fazenda denominada Campos Novos, compoendo a botica encontramos a seguinte listagem de medicamentos:

hum papel com cinquenta e dois vomitórios de quintilio, 17 purgas de jalapa, 18 vomitórios de tártaro, 7 purgas de rezina, 5 purgas de batata, um estojo com duas lancetas, 12 papelinhos de pírolas Angélicas, 7 purgas de rum, huma libra e quatorze oitavas de basilicão, hum dito de óleo rozado, 1 vidrinho de óleo de copaíba, 1 lata de triaga brasilica, 1 lata de trementina, escarrador, 2 vidros de óleo de amêndoas, lancetas, libra e meia de salsaparrilha, unguento de chumbo.²⁴

Lembremos que vomitórios e purgantes são remédios considerados eficazes dentro da tradição hipocrática e galênica, onde as doenças resultam de um desequilíbrio de humores, que pode ser restabelecido a partir da ação destes medicamentos no corpo humano, expelindo os excessos. Além disto, indicam também a presença da tradição iatroquímica nas práticas médicas, bastante comuns durante os séculos XVII e XVIII. A existência destes medicamentos em áreas distantes dos núcleos urbanos, numa fazenda na região norte da Capitania do Rio de Janeiro, faz-nos retomar um ponto destacado no início de nossa reflexão, qual seja o de que havia uma prática médica exercida pelos missionários que ultrapassava a simples apropriação do saber indígena, prática esta que dependia da circulação de produtos e idéias para além dos núcleos urbanos.

Estes documentos nos permitiram também a identificação de uma “biblioteca” que pertenceu à botica da fazenda Campos dos Guaytacazes.²⁵ Ainda que a existência de livros não assegure sua leitura, acreditamos que são preciosos no que diz respeito aos referenciais teóricos e práticos utilizados pelos missionários quando encarregados dos serviços médicos nos Colégios, fazendas e, porque não, nas aldeias. Afora isto, esta “biblioteca” atesta que as práticas médicas não eram apenas

fruto das circunstâncias, e que não se resumiam à mera apropriação do saber indígena acerca das virtudes das plantas nativas do continente americano. Entre os livros citados que pertenceram à dita “biblioteca” aparecem os seguintes autores: João Curvo Semedo, três obras; Andrés Laguna, uma obra e Caetano de Santo Antonio, uma obra.

Dentre os livros relacionados podemos citar: João Curvo Semedo, *“Atalaya da vida contra as hostilidades da morte; fortificada e guarnecida com tantos defensores, quantos são os remedios, que no discurso de cincoenta & oyto annos experimentou João Curvo Semmedo, ... oferecida a Christo Jesu Crucificado, do mesmo autor, Observações médicas doutrinaes Joam Curvo Semmedo, ... oferecidas ao illustrissimo, senhor Ruy de Moura Telles, arcebispo de Braga primaz das Hespanhas e Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas, repartidas em tres Tratados, dedicadas às saudosas memorias, e veneradas cinzas do Eminentissimo senhor cardeal de Sousa, Arcebispo de Lisboa... por mãos do Ecellentissimo senhor D. Pedro Antonio de Noronha, marquês, e senhor de Angeja,.../ por João Curvo Semmedo,... Quinta vez impressa por seu filho O.R. Ignacio Curvo Semmedo; e Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas, repartidas em tres Tratados; dedicadas ao illustrissimo, e reverendissimo Senhor Luis de Sousa, Arcebispo de Lisboa... - Imprensa: Lisboa: Miguel Deslandes. Encontramos também a referência à tradução feita pelo Dr. Andrés Laguna, cujo título era *Deoscorides Anazarbeo, a cerca de la matéria medicinal y de los venenos mortíferos/ traducitos de lengua griega, en la vulgar castelhana, e ilustrado con claras y sustanciales anotaciones, y con las figuras de innumerables plantas exquisitas, y raras, por el Doctor Andrés de Laguna; e uma obra de D. Caetano de Santo Antônio. Pharmacopea lusitana, methodo practico de preparar os medicamentos na forma galenica com todas as receitas mais usuas.**

João Curvo Semedo formou-se na Universidade de Coimbra, exerceu clínica em Lisboa, onde rapidamente granjeou uma enorme fama como inventor de remédios. Foi Médico da Casa Real. A leitura das obras deste médico nos revela sua identificação tanto com o hipocratismo bem como com a medicina alquímica, o que pode ser verificado na seguinte passagem:

Não sou obstinado sequaz da Escola Hermética, que me não preze muito de ser discípulo da Hipocrática: nem quando louvo os remédios Chymicos, deixo de conhecer se devem grandes applausos aos galenicos. Prova seja desta verdade a seguinte cura que fiz valendo-me dos remédios e conselhos de huma e outra escola.²⁶

Curvo Semedo, conforme outros médicos de sua época, ao descrever e caracterizar as plantas e as doenças o fazia a partir dos temperamentos: seco, úmido, quente e frio. Ao mesmo tempo, utiliza uma série de remédios tais como o óleo de ouro, pó de quintílio, vitríolo também presente na tradição hermética.

Este mesmo ecletismo aparece na obra de D. Caetano de Santo António, cônego Regrante de Santo Agostinho, boticário no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e depois no de S. Vicente de Fora, em Lisboa, autor da “Pharmacopea Lusitana”, também constava na livraria da fazenda de Campos Novos. A leitura deste livro nos indica que seu autor era adepto da escola galênica, também herdeira de Hipócrates, conforme registrado no subtítulo: *Methodo Prático de Preparar e compor os medicamentos na forma Galenica com todas as receitas mais uzuais*. Esta obra fora publicada no ano de 1704. Entretanto, na sua reedição, em 1710, aparece a inclinação à escola química. A ratificação desta idéia é da mesma forma, identificada no subtítulo desta nova edição: “*Pharmacopea lusitana reformada. Methodo práctico de preparar os medicamentos na forma galénica & chimica*”.

Um outro autor que poderia ser encontrado na dita livraria foi André Laguna, médico espanhol, que segundo Curvo Semedo teve reconhecimento na corte de Carlos V “por traduzir Dioscorides, da língua grega na castelhana”. A obra traduzida por Laguna é uma fonte rica acerca de ervas, animais, flores, plantas e metais. Em ordem alfabética informa ainda sobre as doenças e suas terapêuticas. Em cada momento informa sobre a morfologia das plantas e animais que descreveu em seu livro. Interessante assinalar que este mesmo procedimento de organização aparece no manuscrito de Pedro de Montenegro e a obra de Andres Laguna é uma referência importante para seu trabalho, quando ele tratou das virtudes e do modo de conhecer as plantas, afirmou que:

las plantas y graduar sus cualidades: sacado de las obras de Dios Corides, Mathiolo, y Laguna. Cuatro son las cualidades: *calor, frialdad, humedad, y sequedad*: en cada uno de estas se cuentan cuatro grados, y los simples de que se trata en este libro tiene de estas cualidades y sus grados en ellas, calientes, humedos, frios y secos, y rara vez se hallará simple de sola una cualidad, si de ordinario complicadas, dos, y á veces tres cualidades en algunos, porque en la su superficie posehe en partes frias, en el medio humedas, y en el centro ó parte solida, y terre [*sic*] caliente: y por el contrario hay otras que la parte de calor la posehe en la superficie, la fria, la humeda en el medio, y la seca en el centro, y á este modo vemos que un simple tomado de diverso modo tiene distintos efectos, y cura accidentes de diversas causas, como v.g. el ruibarbo dado su infusion purga solo la colera y la melancolia: tostado y dado en sustancia no solo no purga sino detiene la purgacion, infuso humedece y relaja los cuerpos, cocido los deseca y fortifica, y á este modo hay otros muchos, que guisandolos de diversos modos tienen diversos efectos.²⁷

A obra de Dioscorides traduzida por Laguna também reafirma a força da tradição hipocrática nos séculos XVII e XVIII. A partir da indicação de alguns purgantes para o restabelecimento do equilíbrio dos humores, como aparece no caso da mandrágora, quando o autor informa que dela é “bebido de su licor dos óbolos com clarea, purga por arriba la flema y la melancolia”.²⁸ Esta tradição estava presente também nas práticas jesuíticas, lembremos da quantidade significativa de purgantes e vomitórios existentes na botica das fazendas de Campos de Goitacazes.

Afora os livros e medicamentos que eventualmente vinham de Portugal, o conhecimento sobre as qualidades terapêuticas da flora local era de suma importância para as receitas elaboradas, como percebemos na própria composição da *triaga brasílica*. A composição do produto deixa claro que a maior parte dos componentes era de origem americana: casca de ibiriráé, no Camamu e sertões da Bahia; raiz de abatua, em Pernambuco, Camamu, Aldeia do Espírito Santo e no sertão; erva do sangue, Colégio da Bahia; cascas de angélicas do Brasil; mel de abelhas ou de pao, na

Tujupeba, Porto Seguro, Capivaras, Camamu e sertão, para citar alguns exemplos. A informação foi retirada da *Colleção de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários*, datado do ano de 1776. De autoria desconhecida, destacamos que este manuscrito não apenas indica a utilização de produtos nativos nas composições, como informa o local onde os produtos poderiam ser encontrados na América portuguesa, além dos “sertões”, nas aldeias e colégios jesuíticos, reforçando nossa hipótese de que este saber circulava entre os missionários.

Conforme indicado pelos autores das obras de medicina existentes na “biblioteca” da fazenda e como podemos perceber pelo tipo de medicamento listado a partir das boticas, podemos perceber que além da coleta de informações sobre as qualidades terapêuticas das plantas, os jesuítas filiam-se, pela prática, às tradições hipocrático-galênicas e à medicina alquímica, que tem como uma de suas características extrair dos produtos naturais – animais, vegetais e minerais – as substâncias essenciais para uso terapêutico. Além dos textos até agora analisados, existe um documento catalogado como “*Formulário Médico: manuscrito atribuído aos jesuítas e encontrado numa arca da Igreja de São Francisco de Curitiba, 1703*”.²⁹ A leitura deste texto mais uma vez atestou a utilização de medicamentos comuns pelos missionários. Exemplo: *Triaga Brasilica, Tártaro, Óleo de copaíba, Almecega, Amêndoas, Folhas de batata, Óleo de amendoaz, Termentina, Rom, Pipinos de S. Gregório, purgas de rezina de batata e hua de jalapa, tanchage, alvayade, sal de Angola, azougue, Óleo de ouro, mercúrio, cobre limado, pedaços de ferraduras, vitriolo, Antimônio, pós de quintílio*. Além disto, o documento traz receitas compostas por ervas e plantas medicinais americanas, reforçando nossa hipótese de que havia interesse por parte dos jesuítas, em coletar e sistematizar informações acerca das virtudes das plantas originárias da América.

A presença destes livros na fazenda jesuítica de Campos dos Goitacazes fora do âmbito das cidades e colégios, bem como a existência de um formulário manuscrito,³⁰ apontam para uma sistematização das práticas médicas entre os missionários, que muito provavelmente contavam também com o apoio institucional da Ordem para garantir

a circulação dos medicamentos, dos livros, dos homens e das idéias. Voltando ao exemplo da triaga é importante ressaltar que esse medicamento, caracterizado como “remédio de segredo”, tinha uma composição não revelada e, além disso, de acordo com o “*Formulário Médico: manuscrito atribuído aos jesuítas e encontrado numa arca da Igreja de São Francisco de Curitiba, 1703*”, a triaga era produzido nos Colégios de Salvador e do Rio de Janeiro. Assim, poderíamos imaginar que, considerando o fato de que as fazendas fluminenses (Campos Novos e Campos dos Goitacazes) eram de posse do Colégio do Rio de Janeiro, que dali eles fossem distribuídos ou vendidos para as ditas fazendas, indicando a circulação deste e possivelmente de outros medicamentos pelo interior da América portuguesa, formando, inclusive, um mercado interno consumidor destes produtos.

A presença de referenciais da medicina portuguesa bem como o controle de informações sobre as qualidades terapêuticas das plantas encontrados em outros lugares que não apenas o meio urbano colonial nos parece um fenômeno importante para repensar a circulação de idéias e práticas medicinais na América portuguesa. Chamo a atenção para esse fato porque é comum caracterizarmos os lugares afastados dos núcleos urbanos pelo isolamento, como se apenas nas cidades fosse possível o contato com idéias vindas da Europa. A pesquisa nos permitiu perceber no interior da Capitania do Rio de Janeiro, especificamente nas fazendas do Colégio dos Jesuítas, um pólo receptor de uma cultura médica marcada pela utilização de plantas nativas e também por referenciais atualizados da cultura médica lusitana.

ANEXO

LISTAGEM DE MEDICAMENTOS UTILIZADOS NAS FAZENDAS DA COMPANHIA DE JESUS

Fonte AMF – MFRJ 85,20,49 mss. “Inventário dos bens da Fazenda denominada Santo Ignácio nos Campos Novos que foi seqüestrada aos regulares da Companhia denominada de Jesus, que mandou fazer o (...) Juiz de Fora Jorge Bento Machado Cardoso em virtude da ordem régia expedida pelo Tribunal da Junta da Real Fazenda ao diante copiada, 1775”.

“Botica que estava nas ditas casas”

- Hum papel com cinqüenta e dois vomitórios de quintilio
- Dezesete purgas de [jalapas]
- Cinco oitavas de tártaro
- Dezoito vomitórios de tártaro
- Sete purgas de rezina
- Cinco purgas de [batata] em pó
- Cinco oitavas e meia de batata em pedra
- Dois papelinhos de pílulas Angelicas
- Sete purgas de Rum
- Hum papel de pos para lombrigas
- Huma libra e quatorze oitavas de basilicão
- Hum vidrinho de óleo de copaíba
- Hum vidro de óleo de ouvidos
- Dois ditos de óleo de amêndoas
- Hum dito de óleo rozado
- Hum dito de mel rozado
- Hum dito de água para [olhos]
- Huma lata de trigra brasilica
- Huma lata de trementina
- Huma dita de marca jesuítica
- Hum papel de pos para [...]
- Dois vidrinhos compridos de óleo de mocotó
- Hum dito de azeite de Nossa Senhora da Lapa
- Hum [...] de unguento mísitico
- Hum dito de unguento branco
- Libra e meia de salsaparrilha
- Ungüento de chumbo

Referências Bibliográficas

Fontes Manuscritas

COSTA, Affonso. *Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasíveis e saudáveis folhas em que se deixão ver muitos e singulares remedios assim simplices como compostos, que a arte, a experiencia, industria e a curiosidade descobrio para curar com facilidade quase todas as doenças e queixas a que o corpo humano esta sujeito principalmente em terras distituidas de medicos e boticas*. Província de Goa, c. 1720. Welcome Institute for the History of Medicine.

MONTENEGRO, Pedro. *Libro primero de la propiedad y birtudes de los arboles i plantas de las misiones y provincia del tucuman, del brasil y del oriente*, compuesto por el hermano Pedro de Montenegro de la compania de jesus, ano de 1711, provincia del Paraguai. manuscrito, Biblioteca Nacional, Madrid; ms 10314.

Inventário dos bens da fazenda denominada santo ignácio nos campos novos que foi seqüestrada aos regulares da companhia denominada de jesus, que mandou fazer o (...) juiz de fora jorge bento machado cardoso em virtude da ordem régia expedida pelo tribunal da junta da real fazenda ao diante copiada, 1775". AMF – MFRJ 85,20,49 mss.

Arrendamento de terrenos dos jesuítas, século XVIII avaliação dos bens e confisco da fazenda dos goitacazes e campos novos pelo real erário AMF – MFRJ 82,20,29.

Formulário médico: atribuído aos jesuítas e encontrado em uma arca da igreja de são Francisco de Curitiba. Biblioteca de Manguinhos, Fiocruz.

Fontes Impressas

LAGUNA, Andres. *Deoscorides Anazarbeo, a cerca de la matéria medicinal y de los venenos mortíferos/ traducitos de lengua griega, en la vulgar castelhana, e ilustrado con claras y sustanciales anotaciones, y con las figuras de inumerables plantas exquisitas, y raras, por el Doctor Andrés de Laguna*. Valencia: la imprenta de Vicente Cabrera, 1677.

SEMEDO, João Curvo. *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte; fortificada e guarnecida com tantos defensores, quantos são os remedios, que no discurso de cincoenta & oytto annos experimentou João Curvo Semmedo*. Lisboa: Officina Ferreyrciana, 1720.

_____ *Observações médicas doutrinaes de cem casos gravíssimos, que em serviço da pátria, e das nações estranhas escreve em lingua portugueza, & latina Joam Curvo Semmedo*. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Gralram, 1707.

_____ *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas, repartidas em tres Tratados*. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Gralram, 1741.

Bibliografia secundária

AMARO, Ana Maria. “Influência da farmacopéia chinesa no receituário das boticas da Companhia de Jesus”, in *Revista de Cultura*, Macau, vol. 30, 1997. pp. 53 –68.

ASSUNÇÃO, Paulo de. *Negócios jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos*. São Paulo: editora da universidade de são paulo, 2004.

ATRAN, Scot, *Cognitive foundations of Natural History: towards an anthropology of science*, Cambridge: University Press, 1990.

CAIRUS, Henrique F e RIBEIRO, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. “Baroque Science between the Old and the New World: Father Kircher and His Colleague Valentin Stansel (1621/1705). In: FINDLEN, Paula. (Ed.). *Athanasius Kircher: the Last Man Who Knew Everything*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller e CAROLINO, Luis Miguel. (coord.) *Jesuítas, ensino e ciência- séculos XVI – XVIII*. Caleidoscópio, 2005.

CAPEL, Horacio. “A América no nascimento da geografia moderna: das crônicas medievais às crônicas sobre as Índias, passando por Plínio e pelo descobrimento das novas terras.” In: *O nascimento da ciência moderna e a América*. Maringá: UEM, 1999.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. “As Ciências na História Brasileira”. In *Tecnociências/ artigos*. Pp. 26-29.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. “Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento- 1710-1733. In. *Erário Mineral*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. pp.45-106.

EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e Pharmacias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

EISENBERG, José. *As Missões Jesuíticas e o Pensamento Político Moderno*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

FURTADO, Júnia Ferreira. “Arte e segredo: o Licenciado Luis Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens”. In *Erário Mineral*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. pp. 3-30.

FERRÃO, José E. Mendes. *A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1992.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. “A morte no centro da vida: reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-75)”. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, 2004. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000300006&lng=en&nrm=iso>.

FIGUEROA, Luis Millones e LEDEZMA, Domingo. (eds.) *El saber de los jesuitas, historias naturales y el nuevo mundo*. Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2005.

GESTEIRA, Heloisa. “A cura do corpo e a conversão da alma”. In: *Topoi*. Rio de Janeiro: v.5, p.71 - 95, 2004.

JARDINE, N., SECORD, J. A. e SPRAY, E. C. (eds.), *Cultures of Natural History*, Cambridge: University Press, 1992.

LEITE, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549 / 1760)*. Lisboa: Edições Brotéria; Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.

LOWOOD, Henry. “The New world and the European catalog of nature”. In: KUPPERMAN, Kren. *America in European consciousness: 1493/1750*. Virginia: University of North Carolina Press, 1995.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. *O combate dos soldados de cristo na terra dos papagaios; colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

QUINTANA, Raúl. “Notícia preliminar”. *Matéria Médica Missionera*. Por Pedro de Montenegro. Buenos Aires: Imprensa da Biblioteca Nacional, 1945.

ROMANO, Antonella. Les Colleges jésuites, lieux de la sociabilité scientifique 1540/1640. *Bulletin de la Société d’Histoire Moderne et Contemporaine*. 1997, n. 3-4, pp. 6 – 20.

ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: EDUSC, 2001.

RUSSEL-WOOD. *A world in the move: The portuguese in Africa, Asia and America: 1415/1808*. New York: St. Martin's Press, 1992.

SINGER, P. N. (organização e tradução) *GALENO. Selected Works*. Oxford: University Press, 1997.

Notas

¹ Estamos trabalhando com a idéia de “missão” desenvolvida por Luiz Felipe Baêta Neves. *O combate dos soldados de cristo na terra dos papagaios; colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

² Affonso da Costa. *Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasíveis e saudáveis folhas em que se deixão ver muitos e singulares remedios assim simples como compostos, que a Arte, a experiencia, industria e a curiosidade descobrio para curar com facilidade quase todas as doenças e queixas a que o corpo humano está sujeito principalmente em terras distituidas de Medicos e Boticas*. Província de Goa, c. 1720. Welcome Institute for the History of Medicine. Agradeço a Marcia Moisés Ribeiro o envio de cópia deste documento.

³ Affonso da Costa, Op. cit. Dedicatória.

⁴ Affonso da Costa, Op. cit. Antilóquio ao Leitor.

⁵ Affonso da Costa, Op. cit. Dedicatória.

⁶ Affonso da Costa, Op. cit. *Antilóquio ao Leitor*.

⁷ Affonso da Costa, Op. cit. *Antilóquio ao Leitor*.

⁸ Affonso da Costa. Op. cit. Antilóquio ao leitor.

⁹ Segundo Raul Quintana, Pedro de Montenegro nasceu na região da Galícia em 1663, e que exerceu medicina no Hospital Geral de Madrid, não se sabe ao certo se em 1679 ou em 1693 ele veio para América, precisamente para província do Paraguai, onde serviu como enfermeiro nas missões. Há notícias de que participou dos conflitos, ao lado de outros religiosos, na Colônia do Sacramento, em 1705, para onde os jesuítas enviaram 4000 índios guaranis.

Ao confrontar vários manuscritos, Arata concluiu, em finais do século XIX, que eram várias cópias do mesmo texto, desconfiando assim da originalidade do texto de Pedro de Montenegro. Entretanto, a prática confirma nossa hipótese da existência de uma rede de troca entre os missionários, redes estas que ultrapassavam as áreas dominadas pelas coroas espanhola e portuguesa. Antes de darmos prosseguimento, vale lembrar também que as fronteiras americanas eram ainda bastante fluidas, havendo interpenetração nos territórios lusos e espanhóis.

¹⁰ Pedro de Montenegro. *Libro primero de la propiedad y birtudes de los arboles i plantas de las misiones y provincia del Tucuman, del Brasil y del Oriente*, compuesto por el hermano Pedro de Montenegro de la Comapania de Jesus, Año de 1711, Provincia del Paraguai. Manuscrito, Biblioteca Nacional, Madrid; Ms 10314.

¹¹ Heloisa Meireles Gesteira. *O Teatro das coisas naturais do Brasil*. Tese de doutorado. Departamento de História, Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2001; e “Cura do conversão da Alma”. *Topoi*. Rio de Janeiro, volume 5, número 8, 2004. pp 74-95.

¹² Jesuítas e Bandeirantes no Guairá, 1594/1640. Manuscritos da Coleção de Angelis. Introdução, Notas e Glossário de Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, 1951.

¹³ ANCHIETA, José. “Quadrimestre de Maio a Setembro de 1954, de Piratininga” in *Cartas: Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*, Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988, p. 52.

¹⁴ EISENBERG, José. *As Missões Jesuíticas e o Pensamento Político Moderno*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 61.

¹⁵ Idem, p. 80.

¹⁶ GUERREIRO, Fernão. *Relação Anual das Coisas que Fizeram os padres da Companhia de Jesus nas suas missões do Japão, China, Cataio... e Brasil nos anos de 1600 – 1603*. Évora, 1930. p. 375.

¹⁷ “Livro de Tombos das escrituras das cousas que pertencem ao Collégio de São Sebastião da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro”, Rio de Janeiro, Anais da Biblioteca Nacional, vol. 82, 1962, pp. 27-28. Interessante observar que em troca dos serviços prestados, informa o alvará mais adiante que a Companhia recebia alguns privilégios tais como o direito de cobrança da redízima, a isenção de imposto na alfândega, a manutenção de propriedades fundiárias ainda sem uso e o recebimento de doações e esmolas para o sustento de sua obra. O importante para a nossa argumentação é a menção aos serviços médicos prestados pelos jesuítas, sobretudo os remédios corporais que eram oferecidos aos homens. Falando do Estado do Brasil em meados do século XVII, não parece irrelevante o reconhecimento *real* da importância dos medicamentos manipulados pelos jesuítas, pois a escassez de profissionais da saúde fora um problema concreto para aquela sociedade assolada por guerras freqüentes e com uma natureza repleta de elementos desconhecidos, entre eles os animais peçonhentos.

¹⁸ Pedro de Montenegro. Op cit.

¹⁹ Fernão Cardim. *Tratado da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. p. 37.

²⁰ O movimento de coleta e incorporação de terapêuticas locais por parte dos missionários jesuítas foi observado por Ana Maria Amaro estudando as fórmulas utilizadas na botica do Colégio de São Paulo, em Macau. A autora verificou uma grande influência da medicina chinesa no receituário dos inicianos que atuaram na região. Portanto, os padres da Companhia de Jesus foram agentes importantes da circularidade cultural, pois a constante troca de missivas contendo informações as mais diversas, gerou uma cosmopolitização das receitas e de práticas medicinais pelos quatro cantos do mundo, como veremos em alguns exemplos mais adiante. Cf. Serafim Leite. “Serviços de Saúde da Companhia de Jesus no Brasil” in *Brotéria*, separata do vol. IV, fasc. 4, Lisboa, abril de 1952. Ver ainda artigo de Ana Maria Amaro Ana Maria. “Influência da Farmacopéia Chinesa no Receituário das Boticas da Companhia de Jesus”, in *Revista de Cultura*, Macau, vol. 30, 1997, pp. 53-68.

²¹ Sobre este aspecto conferir especialmente A.J. R. Russell-Wood. *Um mundo em movimento*. Lisboa: Difel, 2006.

²² Serafim Leite. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. História da companhia de Jesus no Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006. (volume 3). Paulo Assunção. *Negócios Jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos*. São Paulo: EDUSP, 2004.

²³ Para conferir o papel destas fazendas dentro da empresa jesuítica conferir o trabalho de Dauril Alden. *The making of an enterprise: the society of Jesus in Portugal, its empire, and beyond, 1540-1750*. Stanford: Calif.: Stanford University Press, 1996.

²⁴ “Inventário dos bens da Fazenda denominada Santo Ignácio nos Campos Novos que foi sequestrada aos regulares da Companhia denominada de Jesus, que mandou fazer o (...) Juiz de Fora Jorge Bento Machado Cardoso em virtude da ordem régia expedida pelo Tribunal da Junta da Real Fazenda ao diante copiada, 1775”. AMF – MFRJ 85,20,49 mss.

²⁵ “Arrendamento de terrenos dos Jesuítas, século XVIII”. Avaliação dos bens e confisco da fazenda dos Goitacazes e Campos Novos pelo Real Erário AMF – MFRJ 82,20,29.

²⁶ João Curvo Semedo. *Observações médicas doutrinaes de cem casos gravíssimos, que em serviço da pátria, e das nações estranhas escreve em lingua portugueza, & latina Joam Curvo Semmedo*. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Gralram, 1707. Prólogo ao leitor.

²⁷ Pedro de Montenegro. Op. cit. pp. 11-2.

²⁸ Andrés Laguna. *Deoscorides Anazarbeo, a cerca de la matéria medicinal y de los venenos mortíferos/ traducidos de lengua griega, en la vulgar castelhana, e ilustrado con claras y sustanciales anotaciones, y con las figuras de innumerables plantas exquisitas, y raras, por el Doctor Andrés de Laguna*. Valencia: la imprenta de Vicente Cabrera, 1677. p. 422.

²⁹ Conforme já apontamos em outro trabalho, o documento parece mesmo ter pertencido a missionários jesuítas. Um dos indícios é a descrição relativa à *Triaga Brasilica*, esta é idêntica ao texto retirado de um manuscrito analisado por Serafim Leite, *a Coleção de varias receitas...* Eis aqui a transcrição do manuscrito acima citado: “he hum Antídoto ou Panacéa composta a imitação da Triaga de Roma e de Veneza, e de varias plantas, raízes, ervas, e drogas do nosso Brazil q a natureza dotou de tão excellentes não he melhor q a Triaga da Europa, ao menos não lhe é inferior em couza alguma, porque he efficacissimo contra todo o veneno virtudez, q cada huma por si só pode servir em lugar da Triaga da Europa, poiz com algumas das raízes de q se compõe este Antídoto se curão os Brazis de qualquer peçonha e mordedura de animaez venenosos como também de outras enfermidadez só com mastigallas: e a experiência tem mostrado de 15 annoz para cá”. Outro elemento também consideramos, a referência ao à fórmula do Irmão Francisco da Silva. Nascido em Lisboa no ano de 1695, este missionário, entrou na Companhia aos 22 anos de idade no Colégio da Bahia. Ali permaneceu por muitos anos realizando serviços de enfermeiro e farmacêutico. Em 1732 seguiu para

São Paulo e posteriormente, Rio de Janeiro. Em seguida, foi enviado para Olinda com a responsabilidade de reorganizar os serviços de farmácia do Colégio desta cidade.

³⁰ Infelizmente não há vestígios do caderno de medicina manuscrito que pertenceu à botica, mas não é inverossímil inferirmos que muito provavelmente seja um receituário para preparar alguns medicamentos na própria fazenda.